

Família de catador morto em SP diz que polícia forjou provas

Secretaria afirma que homem teria disparado contra agentes da Operação Escudo

Tullio Kruse e Zanone Freitas

SÃO VICENTE O catador de lixo José Marcos Nunes da Silva, 45, foi morto a tiros por policiais militares no barracão de moradia há cerca de dez anos na favela de Sambaibatuba, em São Vicente, no litoral paulista. Vizinhos contam que escutaram os gritos de Silva implorando pela vida momentos antes de ser abalado. Três filhas, o genro e a ex-mulher de Silva moram na mesma favela. Uma filha e a ex-mulher de Silva contam que ouviram disparos e foram avisadas por vizinhos sobre os gritos de socorro, no barracão de sábado (3). Quando correram por uma via alameda do barracão, foram impedidas de prosseguir por um PM que montou guarda em frente à residência.

Silva foi morto por policiais da Rota (Ronda Ostensiva de Tiro de Agulha), mesmo batido do soldado Samuel Wesley Cosmo, 35, que foi assassinado horas antes em Santos, cidade vizinha a São Vicente. Segundo o relato da SSP (Secretaria da Segurança Pública), policiais teriam dado ordem de parar a um suspeito, que teria fugido e disparado contra os policiais. A secre-

taria diz que foram encontradas porções de maconha, cocaína, crack, um frasco de lança-perfume, uma pistola 9mm e um caderno de anotações. A família e vizinhos dizem que essas provas foram forjadas e que Silva não tinha arma de fogo nem envolvimento com o crime. Dois vizinhos disseram à família e que ouviram que Silva teria sido abalado por policiais perto de casa e levado até o barracão de moradia, onde teria gritado por misericórdia.

Até menos três tiros foram disparados. A reportagem escutou o áudio, enviado no mesmo dia da morte à filha de Silva, que narra os gritos: "Pelo amor de Deus, eu sou trabalhador" e "minhas filhas me amam".

Durante o fim de semana, ações das tropas da Polícia Militar enviadas da capital para a Baixada Santista após o assassinato do soldado Cosmo resultaram na morte de ao menos seis pessoas. Nesta segunda (4), uma sétima morte foi anunciada pelo secretário da Segurança Pública de São Paulo, Guilherme Derrite, na rede social X. Ele afirmou que o homem era apontado como responsável pelo tráfico no Morro

São Bento, em Santos, área em que ocorreu a abordagem. Em todos os casos até agora, os policiais afirmam que registraram depois de as pessoas atirarem contra eles. Três dos seis homens mortos foram identificados e, segundo a Segurança, tinham passagens por tráfico de drogas, roubos e furtos.

O barracão de Silva é feito de pedação de madeira e tem um grande amontoadão de lixo na entrada, além de uma carreta tipo usado por outros catadores de lixo da região, ainda estava em frente ao barracão na manhã de segunda-feira, um dia após o enterro.

Pedaços de faixa de isolamento em frente à casa e as marcas de sangue, no asfalto do chão e num cobertor, ainda eram visíveis cerca de 30 horas após a morte. Os catadores que trabalham no local da comunidade de Sambaibatuba confirmam a identidade de Silva — ou Velinho, um de seus apelidos. Eles estavam em choque com a notícia da morte, pois acreditam que qualquer um deles poderia ter sido assassinado em seu lugar.

A Ouvidoria da Polícia, o Condepe (Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana) e o deputado estadual Eduardo Suplicy (PT) encaminharão ofícios distintos para o secretário Derrite solicitando informações e cópias de boletins de ocorrência sobre as mortes nesta nova fase da Escudo.

O Condepe analisa com grande preocupação a continuidade de uma operação que é permeada por denúncias de abuso de autoridade, com intensa violência letal e de polícia. A gente entende que a melhor forma de combater o crime não é instituir uma cadeia privada de vingança", afirmou o presidente do Condepe, Dimitt Sales.

O ovidor da polícia, Cláudio Aparecido da Silva, afirmou para a reportagem ter conhecimento de ocorrências com morte, mas sem ainda ter recebido boletins de ocorrência referentes aos casos. Em nota, a Secretaria da Segurança Pública afirma que o caso citado pela reportagem foi registrado como "resistência, drogas sem autorização ou em desacordo, posse/porte ilegal de arma de fogo e morte decorrente de intervenção policial na delegacia de São Vicente e encaminhado à 3ª Delegacia de Homicídios da Deir, de Santos, que investiga os fatos".

A SSP destaca que todos os casos de mortes decorrentes de intervenção policial (MDIP) são rigorosamente investigados, encaminhados para análise do Ministério Público e julgados pelo Poder Judiciário. O caso de Silva foi classificado como homicídio em São Paulo.

Gestão Tarcísio veta redes sociais em sinal de wi-fi de professores

Laura Mattos

SÃO PAULO A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo soultou um comunicado a rede de ensino informando que vai ampliar o veto a redes sociais para o wi-fi administrativo das escolas, que é utilizado por professores e demais funcionários. Nas redes sem fio liberadas para alunos, esse acesso já era proibido desde o ano passado, segundo a pasta. A nova restrição começa nesta segunda-feira (5), com a volta às aulas. A mudança ocorre em dia após a publicação de reportagem da Folha que mostrou que escolas públicas e particulares do Brasil e de outros países estão fechando o acesso ao uso das redes sociais na tentativa de conter os prejuízos à saúde mental e ao aprendizado.

O veto em sala de aula já se disseminou, e o movimento total no ambiente escolar começa a ser adotado. As medidas seguem recomendação da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que apontou uma "associação negativa entre o uso das tecnologias e o desempenho dos estudantes".

Nesta sexta (4), a Prefeitura do Rio publicou decreto banindo por completo o aparelho nas escolas municipais, não apenas na sala de aula como no recreio. Questionada pela Folha na semana passada sobre planos de ampliar a restrição ao celular nas escolas estaduais, a secretaria da Educação paulista enviou nota reiterando a política de investimento em tecnologia educacional, inclusive por meio de aplicativos em celulares. afirmou que os aparelhos eram permitidos em sala de aula apenas para fins pedagógicos. Em meio à pressão de entidades de proteção à criança e à educação, e diante da crescente preocupação das famílias com o vício em celulares, essa nova restrição às redes sociais para professores e funcionários se presta também a mostrar algum aceno ao controle do aparelho nas escolas.

A secretária do governo Tarcísio de Freitas (Republicanos), sob gestão de Renato Feder, é reconhecidamente entusiasta do uso de tecnologia e teve o seu maior desgaste quando, no ano passado, tentou trear livros didáticos impressos por material exclusivamente digital. Após a repercussão negativa gerada com a revelação desse plano em reportagem da Folha, o governo teve de recuar da decisão.

A restrição do wi-fi administrativo para acesso a redes sociais já havia sido comunicada internamente, por e-mail a funcionários da secretaria, na sexta-feira. Nesta segunda-feira, o governo optou por torná-la pública no site da secretaria. Entre os aplicativos vetados estão TikTok, Facebook, Instagram, X (ex-Twitter) e Roblox. Também foram vetados os acessos a streamings de vídeo, como Globoplay, Netflix, Disney+, Prime Video e HBO Max.

O YouTube está liberado, desde que para finalidades educacionais, segundo a Folha apurou, o acesso a redes sociais, jogos e streamings tem sido breccarregado às redes das escolas, atrapalhando a sua utilização para fins pedagógicos.



Entrada do barracão de José Marcos Nunes da Silva, 45, na favela de Sambaibatuba, em São Vicente (SP); catador de lixo foi morto pela polícia. Zanone Freitas/FolhaPress

Mulher que atacou judia deve ser indiciada sob suspeita de ameaça e injúria racial na BA

João Pedro Pintho

SALVADOR A mulher que atacou uma comerciante judia no distrito de Arraial d'Ajuda, em Porto Seguro (BA), deve ser indiciada sob suspeita de crimes de injúria racial, ameaça, dano material qualificado e tentativa de lesão corporal. O caso está sendo investigado pela Polícia Civil da Bahia e o inquérito deverá ser concluído nos próximos dias, segundo o delegado Paulo Henrique de Oliveira, coordenador da 23ª Coordenadoria Regional de Polícia do Interior. A comerciante é a brasileira Maria Leiva Blanco na sexta-feira (2). Um vídeo do episódio viralizou nas redes sociais. As imagens mostram Blau-

co quebrando as mercadorias nas prateleiras e, em seguida, gritando: "Eu vou te pegar, maldita sionista". Breslauser e Blanco prestaram depoimento à polícia e deram versões distintas para o episódio. Elas afirmaram que se conhecem e que os filhos de ambas, adolescentes, são amigos desde a infância. Em depoimento à polícia, Blanco disse ter rompido relações com Breslauser em novembro de 2023, mês seguinte ao início da pandemia da Covid-19, após ter recebido uma mensagem em que a lojista a teria acusado de roubar produtos.

Não época, a comerciante teria acusado Blanco de roubar produtos. Mas isso não pode ser usado como justificativa para a agressão, sendo a acusação feita em uma rede social. Ela ficou sentida com a acusação, que se tornou pública por meio de uma postagem no Instagram.

gens postadas por Blanco em uma rede social em que ela chamava Israel de "país assassino" e prestava solidariedade aos Hamas.

Depois disso, a lojista teria enviado uma mensagem privada na mesma rede social em que disse: "Por que você está criticando Israel? O seu filho cresceu em um lar judeu, que quando você foi embora eu acolhi seu filho".

A mulher teria retornado a mensagem com ofensas, o que levou a uma mensagem privada na mesma rede social. A advogada da vítima, Lilla Frankenthal, afirma que as duas mulheres tiveram uma discussão privada em uma rede social. "Mas isso não pode ser usado como justificativa para a agressão, sendo a acusação feita em uma rede social. Ela ficou sentida com a acusação, que se tornou pública por meio de uma postagem no Instagram".

do, que a seguiu. Ambos deixaram a loja e a proprietária foi acolhida por um casal de clientes e chamou a polícia. Blanco, por sua vez, justificou a atitude afirmando que descarregou sua raiva pelo fato de ter sido chamada de terrorista e ter sido acusada de abandonar o filho.

Ela ainda afirmou que não agrediu fisicamente a comerciante — que, por outro lado, afirma que há testemunhas da agressão. O laudo do Instituto Médico Legal não consta nenhuma lesão em Breslauser, segundo a polícia.

No sábado (3), a chilena foi alvo de uma decisão judicial que a proibe de sair do município de Belo Horizonte, a lojista disse que Blanco teria entrado de forma calma na loja e a injúria. "Não está feliz?" Ao questionar o motivo da pergunta, ela teria sido respondida com um tapa no rosto.

Depois disso, a chilena teria destruído objetos da loja e foi contida pelo próprio namorado, que a seguiu.

Em depoimento, a lojista disse que Blanco teria entrado de forma calma na loja e a injúria. "Não está feliz?" Ao questionar o motivo da pergunta, ela teria sido respondida com um tapa no rosto.

Depois disso, a chilena teria destruído objetos da loja e foi contida pelo próprio namorado, que a seguiu.

Em depoimento, a lojista disse que Blanco teria entrado de forma calma na loja e a injúria. "Não está feliz?" Ao questionar o motivo da pergunta, ela teria sido respondida com um tapa no rosto.